

JUVENTUDES, DESIGUALDADES E EXPERIÊNCIAS URBANAS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

Youth, Inequalities and Urban Experiences in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro

 **Tamiris Batista Diniz**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4701-201X>

Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Contato: tamirisbdiniz@hotmail.com

 **Guilherme Preto Guimarães**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7054-5362>

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ), Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil

Contato: preato.profgeo.uerj@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa as percepções de estudantes do Ensino Médio sobre a cidade como território educativo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A pesquisa adotou uma abordagem quanti-qualitativa e foi realizada por meio da aplicação de 159 questionários com discentes do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). O estudo investigou as formas de circulação juvenil pela cidade, os espaços culturais e de lazer frequentados pelos jovens e as aprendizagens construídas fora do ambiente escolar formal. Os resultados indicam que a maioria dos participantes reconhece que aprende coisas importantes na cidade, especialmente por meio de experiências cotidianas, contato com diferentes realidades sociais e acesso a equipamentos culturais. Entretanto, também foram identificadas desigualdades territoriais e raciais no acesso a esses espaços, relacionadas a fatores como distância, custo do transporte e insegurança urbana. Os dados sugerem que, embora a cidade possua potencial educativo significativo, sua efetivação como Cidade Educadora depende da ampliação das condições de acesso aos territórios urbanos e culturais.

Palavras-chave: cidade educadora; aprendizagem urbana; CEFET/RJ.

Abstract: This article analyzes the perceptions of high school students regarding the city as an educational territory in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro. The research adopted a quantitative–qualitative approach and was conducted through the application of 159 questionnaires with students from the Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). The study investigated patterns of youth circulation within the city, the cultural and leisure spaces frequented by young people, and the forms of learning developed outside the formal school environment. The results indicate that most participants recognize that they learn

important things in the city, especially through everyday experiences, contact with different social realities, and access to cultural facilities. However, territorial and racial inequalities in access to these spaces were also identified, related to factors such as distance, transportation costs, and urban insecurity. The findings suggest that, although the city holds significant educational potential, its realization as an Educating City depends on expanding conditions of access to urban and cultural territories.

Keywords: educating city; urban learning; CEFET/RJ.

Introdução

A cidade apresenta múltiplas aprendizagens, conflitos e invenções, especialmente para as juventudes. O território urbano não é apenas um palco, mas um agente ativo na formação dos sujeitos, propiciando uma relação pedagógica única, caracterizada por trocas simbólicas, apropriações espaciais e aprendizagens informais que transcendem os limites do ambiente escolar formal. Diante desse contexto, este estudo parte dos seguintes problemas de pesquisa: os estudantes do Ensino Médio do CEFET-RJ percebem a cidade como território educativo? Como as desigualdades territoriais e sociais influenciam no acesso desses estudantes às experiências de aprendizagem no espaço urbano?

Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar as percepções de estudantes do Ensino Médio do CEFET-RJ sobre as potencialidades e desafios da cidade como território educativo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, investigando como jovens reconhecem aprendizagens construídas no cotidiano urbano e como desigualdades territoriais e raciais influenciam o acesso aos espaços culturais e de lazer.

A realização desta investigação justifica-se pela necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as experiências juvenis nos espaços urbanos, considerando que "as crianças e os jovens não são mais protagonistas passivos da vida social e, por consequência, da cidade" (Carta das Cidades Educadoras, 2004, s.p.), assim demandando políticas públicas que garantam sua participação ativa nos processos de decisão e transformação urbana.

Investigar as percepções juvenis sobre o acesso aos espaços culturais e as aprendizagens na cidade contribui para evidenciar as desigualdades territoriais que marcam a experiência urbana contemporânea, fornecendo subsídios para a defesa do direito à cidade educadora como direito humano fundamental e para a promoção de uma cidadania efetivamente emancipatória.

Todos os habitantes de uma cidade terão o direito de desfrutar, em condições de liberdade e igualdade, os meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal que ela lhes oferece. O direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação. A cidade educadora renova permanentemente o seu compromisso em formar nos aspectos, os mais diversos, os seus habitantes ao longo da vida. E para

que isto seja possível, deverá ter em conta todos os grupos, com suas necessidades particulares (Carta das Cidades Educadoras, 2004, s.p.).

Segundo Alvarenga, Pereira e Quaresma (2023, p. 2) “o conceito de cidades educadoras refere-se à ideia de que uma cidade deve ir além de suas funções tradicionais, como economia, política e prestação de serviços, e assumir uma função educadora”. Vieira e Groppa (2015) complementam afirmando que o escopo da Cidade Educadora trata-se de uma educação de si e dos outros, em tempo integral, que coloca a produção de um cidadão-aluno no cerne das práticas educativas que ocorrem para além dos seus domínios formais. Essa relação entre cidade e cidadãos fundamenta-se no princípio de que "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (Freire, 1977, p. 68).

Educação não pode ser vista apenas no âmbito restrito das políticas educacionais tradicionalmente concebidas e efetivadas para garantir o funcionamento de um sistema formal de ensino. É necessário ampliarmos a concepção do que é educação em termos da existência humana em sociedade e do potencial de vivermos cotidianamente processos educativos nos diferentes espaços de convivência social (Zitkoski, 2006, p. 11).

O reconhecimento do potencial educativo da cidade implica considerar as múltiplas aprendizagens que ocorrem nos espaços urbanos, sendo fundamental considerar que a superação da crise da civilização urbano-industrial passa necessariamente pela efetivação do direito à cidade educadora. Diante do quadro de exclusão social, violência e precarização dos espaços públicos que caracteriza as metrópoles contemporâneas, a maioria da população apenas sofre a cidade, não vive com qualidade de vida e dignidade necessárias à realização humana. Assim, fazem-se necessários investimentos públicos equitativos e políticas que garantam a todos os habitantes, especialmente aos jovens, condições de participação e transformação do território (Zitkoski, 2006).

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa, de caráter exploratório. Inicialmente, procedeu-se a um levantamento bibliográfico acerca do conceito de Cidade Educadora, com o intuito de fundamentar teoricamente a investigação e orientar a construção dos instrumentos de coleta de dados. A coleta de dados primários ocorreu em março de 2026, por meio da aplicação de 159 questionários estruturados, contendo perguntas abertas e fechadas, respondidos por discentes do 1º e 2º ano do Ensino Médio do campus Maracanã do Centro Federal de

Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Ao todo, o CEFET-RJ campus Maracanã possui 1407 estudantes matriculados no ensino médio. Os dados da amostra foram produzidos sendo considerado um grau de confiança de 95% com margem de erro aproximada de 7,5% em relação ao universo total de estudantes matriculados nesse segmento.

O instrumento de pesquisa foi elaborado com o objetivo de captar o perfil sociodemográfico dos participantes, suas formas de circulação pela cidade, suas percepções sobre o acesso a espaços culturais e de lazer e as aprendizagens construídas no cotidiano urbano, para além do ambiente escolar formal. As perguntas feitas aos jovens foram:

1. Qual a sua idade?
2. Como você identifica o seu gênero?
3. Como você se identifica em relação à cor/raça?
4. Em qual região você mora?
5. Quais destes lugares você costuma frequentar?
6. Quais lugares da cidade são mais importantes para você?
7. Você sente que tem acesso fácil aos espaços culturais e de lazer da cidade?
8. Quais fatores dificultam seu acesso a esses espaços?
9. Você sente que aprende coisas importantes na cidade fora da escola?
10. Pensando na sua vida na cidade, quais lugares ou situações mais te ensinaram algo importante?
11. Você acha que viver na Região Metropolitana do Rio de Janeiro ajuda os jovens a aprender coisas importantes para a vida? Por quê?

Após a coleta, os dados foram organizados e sistematizados para análise. As respostas fechadas foram tabuladas e representadas por meio de gráficos, enquanto as respostas abertas foram analisadas de forma interpretativa, utilizando da análise de discurso (AD) como ferramenta analítica a partir do princípio de que a “AD não vai trabalhar com a forma e o conteúdo, mas irá buscar os efeitos de sentido que se pode apreender mediante interpretação” (Caregnato; Mutti, 2006, p. 682), o que permitiu identificar percepções, experiências e significados atribuídos pelos alunos às suas vivências na cidade.

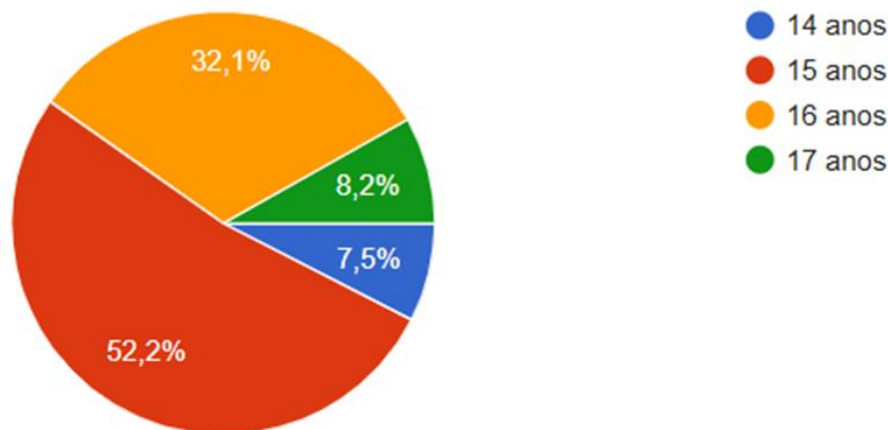
Resultados e Discussão

A caracterização sociodemográfica dos 159 participantes teve início com a análise da distribuição etária (Figura 1). Os resultados indicam a predominância de estudantes com 15 anos, que correspondem a 83 participantes (52,2%) da amostra. Em seguida, aparecem os jovens com 16 anos, totalizando 51 participantes (32,1%), com 17 anos, que

somam 13 participantes (8,2%), e aqueles com 14 anos, correspondendo a 12 participantes (7,5%).

Figura 1 – Distribuição etária dos participantes

159 respostas



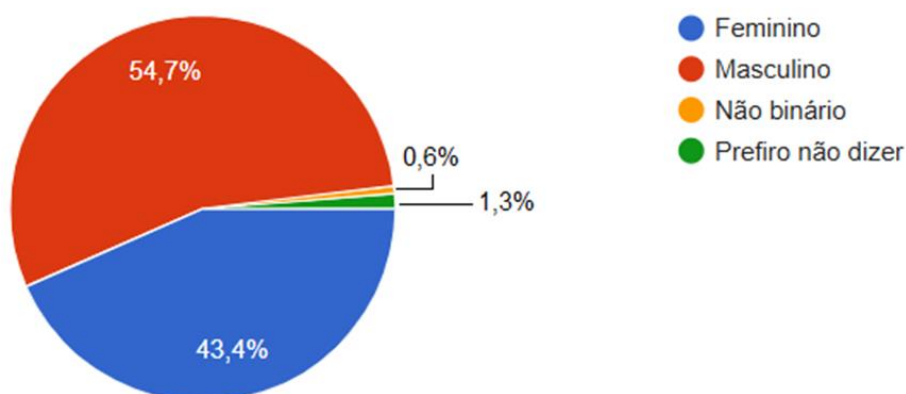
Fonte: Os autores (2026).

[Descrição da imagem] Gráfico de setores (pizza) que ilustra a distribuição etária dos participantes da pesquisa. Os dados mostram que 52,2% dos estudantes têm 15 anos, 32,1% têm 16 anos, 8,2% têm 17 anos e 7,5% têm 14 anos [Fim da descrição].

Quanto à identidade de gênero, a maioria dos participantes declarou-se pertencente ao gênero masculino, correspondendo a 87 discentes (54,7%). Em seguida, 69 (43,4%) identificaram-se com o gênero feminino. A pesquisa também registrou a presença de 2 participantes (1,3%) que se identificaram como não binários e 1 participante (0,6%) que preferiu não declarar sua identidade de gênero (Figura 2).

Figura 2 – Distribuição dos participantes por identidade de gênero

159 respostas



Fonte: Os autores (2026).

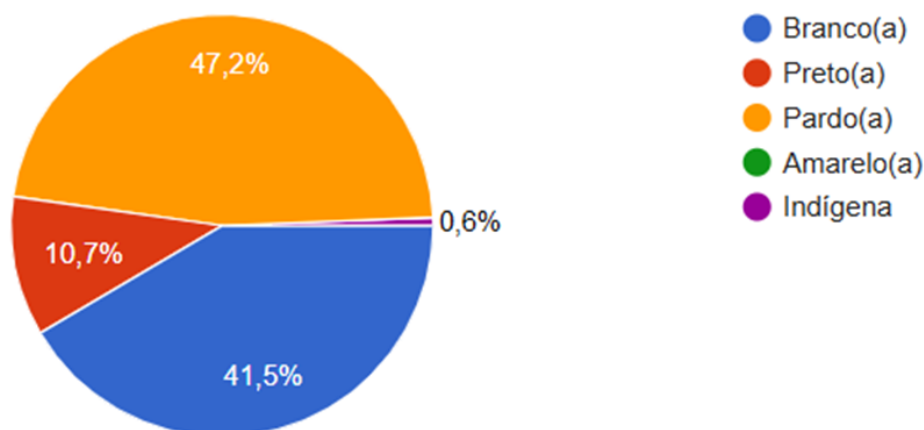
[Descrição da imagem] Gráfico de setores (pizza) que ilustra a distribuição dos participantes por identidade de gênero. Os dados indicam que 54,7% dos estudantes se identificam com o gênero masculino, 43,4%

com o gênero feminino, 1,3% como não binários e 0,6% preferiram não declarar sua identidade de gênero [Fim da descrição].

A análise da autodeclaração étnico-racial dos participantes, apresentada na Figura 3, evidencia a diversidade presente na amostra pesquisada, com um total de 75 (47,2%) respondentes que se autodeclararam brancos, 66 (41,5%) pardos, 17 (10,7%) pretos e 1 (0,6%) indígena. Não houve registros para a categoria amarelo. Ao considerar conjuntamente os estudantes que se autodeclararam pretos e pardos, observa-se um total de 83 participantes (52,2%), o que configura uma maioria negra na amostra. Esses dados indicam uma composição étnico-racial heterogênea entre os alunos, aspecto relevante para a análise das percepções e experiências em relação aos espaços urbanos e culturais investigados na pesquisa.

Figura 3 – Distribuição dos participantes por cor/raça

159 respostas



Fonte: Os autores (2026).

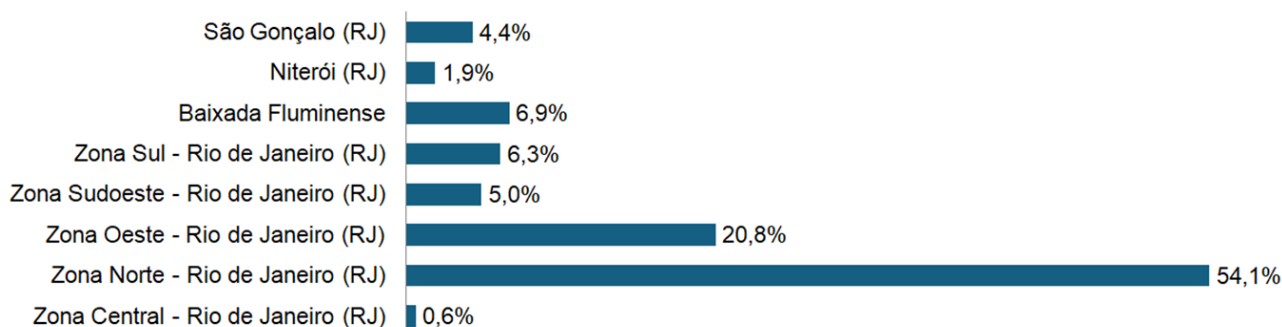
[Descrição da imagem] Gráfico de setores (pizza) que ilustra a distribuição dos participantes por autodeclaração étnico-racial. Os dados indicam que 47,2% dos estudantes se autodeclararam brancos, 41,5% pardos, 10,7% pretos e 0,6% indígenas. Não houve registros para a categoria amarelo [Fim da descrição].

De acordo com o que demonstra a Figura 4, a maior parte dos respondentes reside na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, que concentra 86 participantes (54,1%) da amostra. Em seguida aparecem os moradores da Zona Oeste, com 33 respondentes (20,8%). Os estudantes do CEFET são oriundos de todas as zonas da cidade, sendo que 10 respondentes (6,3%) são da Zona Sul, 8 (5%) da Zona Sudoeste, e 1 (0,6%) da Zona Central.

Também foram registrados participantes que moram na cidade de São Gonçalo (7 - 4,4%) e de Niterói (3 - 1,9%), além da Baixada Fluminense, com 11 participantes (6,9%). Isso demonstra um grande fluxo diário de diversos territórios da Região Metropolitana do

Rio de Janeiro para o CEFET, evidenciando a importância do transporte coletivo para os discentes para a permanência e o acesso desses discentes à instituição.

Figura 4 – Distribuição dos participantes por região de residência

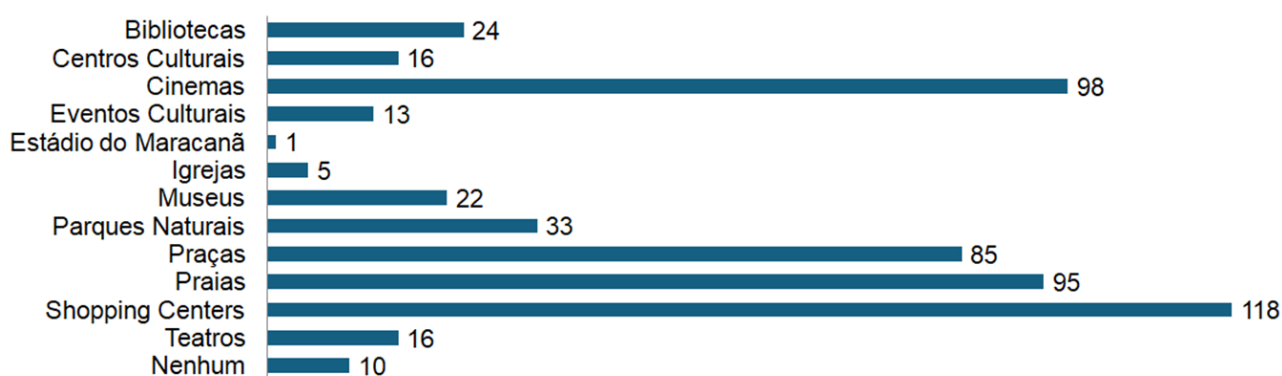


Fonte: Os autores (2026).

[Descrição da imagem] Gráfico de barras horizontais que ilustra a distribuição dos participantes por região de residência. Os dados mostram que 54,1% dos estudantes moram na Zona Norte do Rio de Janeiro, 20,8% na Zona Oeste, 6,9% na Baixada Fluminense, 6,3% na Zona Sul, 5,0% na Zona Sudoeste, 4,4% em São Gonçalo, 1,9% em Niterói e 0,6% na Zona Central do Rio de Janeiro [Fim da descrição].

Os dados sobre os lugares frequentados pelos discentes revelam padrões importantes quando analisados em relação à região de moradia. Entre os participantes observa-se que alguns tipos de espaços aparecem com maior frequência nas práticas cotidianas dos jovens, especialmente shopping centers, praias, praças e cinemas (Figura 5).

Figura 5 – Locais mais frequentados pelos participantes



Fonte: Os autores (2026).

[Descrição da imagem] Gráfico de barras que ilustra a frequência de menção dos espaços urbanos mais frequentados pelos participantes. Os dados mostram que os locais mais citados foram: shopping centers (118 menções), cinemas (98), praias (95), praças (85), parques naturais (33), bibliotecas (24), museus (22), centros culturais (16), teatros (16), eventos culturais (13), igrejas (5), estádio do Maracanã (1). Dez participantes declararam não frequentar nenhum desses espaços [Fim da descrição].

Os shopping centers aparecem como um dos espaços mais frequentados pelos estudantes, sendo mencionados por jovens de praticamente todas as regiões. Entre os moradores da Zona Norte, que representam a maior parte da amostra, o shopping center aparece com grande recorrência, frequentemente associado também à ida ao cinema. Situação semelhante ocorre na Zona Oeste, onde diversos discentes mencionam a combinação shopping centers e cinemas, além de praças, como principais espaços de lazer.

As praias também aparecem com frequência significativa entre os locais frequentados pelos jovens, sobretudo entre moradores da Zona Sul, da Zona Norte e da Zona Oeste. Entre os estudantes residentes na Zona Sul, observa-se uma maior diversidade de equipamentos culturais mencionados. Alguns respondentes, especialmente brancos, indicaram frequentar uma ampla gama de espaços urbanos, incluindo praias, parques naturais, museus, centros culturais, bibliotecas, eventos culturais, teatros e cinemas, o que sugere maior acesso a diferentes tipos de equipamentos culturais e de lazer.

Por outro lado, entre os residentes em áreas periféricas da metrópole, como a Baixada Fluminense e alguns bairros da Zona Oeste, as respostas tendem a indicar um repertório mais restrito de espaços frequentados. Nesses casos, aparecem com maior frequência praças, shopping centers, cinemas e praias, enquanto equipamentos como museus, centros culturais, bibliotecas e teatros são mencionados com menor regularidade.

Também foram registradas respostas que indicam uma circulação pela cidade bastante restrita, com 10 participantes que relataram frequentar apenas espaços como a própria casa, a escola ou nenhum dos espaços culturais e de lazer apresentados no questionário. Quando se observa a distribuição por gênero, verifica-se uma predominância de estudantes do gênero masculino nesse grupo, com 8 do gênero masculino e 2 do gênero feminino. Em relação à autodeclaração de cor/raça, os dados mostram que 6 desses discentes se declararam pardos e 4 se declararam brancos.

A análise da localização residencial desses estudantes revela ainda um padrão territorial relevante, em que a maior parte dos casos de circulação urbana restrita aparece entre os que residem em regiões mais periféricas da metrópole, sendo 4 da Zona Oeste, 3 da Zona Norte, 2 da Baixada Fluminense e 1 de São Gonçalo. Não foram registradas respostas desse tipo entre os moradores da Zona Sul, Centro ou Niterói.

Esse padrão territorial sugere que a restrição de circulação urbana pode estar relacionada a condições estruturais associadas ao território de moradia, como maiores distâncias em relação aos equipamentos culturais e de lazer, maior dependência do transporte público e menor concentração de infraestrutura urbana. Assim, para parte desses estudantes, a experiência cotidiana na cidade parece se restringir a um circuito limitado entre casa e escola, evidenciando desigualdades no acesso e no usufruto do espaço urbano. Esse cenário revela limites concretos para a efetivação do princípio da

Cidade Educadora, uma vez que o potencial formativo do território urbano depende da possibilidade de circulação, apropriação e vivência dos diferentes espaços da cidade.

As respostas sobre os lugares da cidade que são mais importantes para os alunos permite identificar padrões relevantes na forma como eles percebem e utilizam os espaços urbanos. O espaço mais mencionado pelos estudantes foi a casa, citada por 64 respondentes, sendo que em muitos casos, a casa aparece como o principal ou único espaço destacado na resposta. Em outras situações, o espaço doméstico surge combinado com poucos outros locais, como praia, igreja ou shopping.

Outro espaço que aparece com frequência nas respostas são os shopping centers, mencionados por 34 discentes. Esses espaços surgem em diferentes contextos, como locais de encontro, lazer ou consumo, sendo frequentemente citados ao lado de outros lugares da cidade, como praias, praças ou centros comerciais. A presença recorrente dos shoppings indica a importância desses espaços na sociabilidade juvenil contemporânea, funcionando como pontos de encontro e convivência relativamente acessíveis e seguros para os jovens.

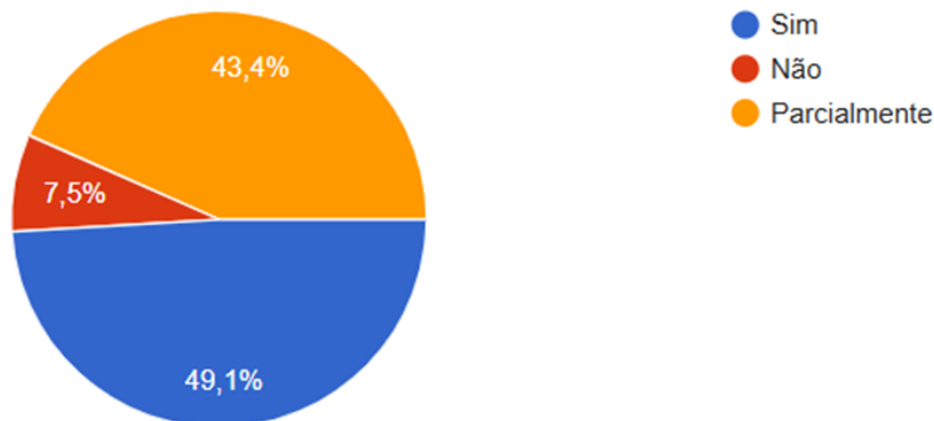
As praias também aparecem de forma bastante expressiva nas respostas, sendo mencionadas por 29 estudantes. Outros espaços aparecem com menor frequência nas respostas. As igrejas ou paróquias foram mencionadas por 11 participantes, indicando a presença de espaços religiosos na rotina de parte dos jovens. As praças aparecem em 9 respostas, geralmente associadas a atividades de lazer ou convivência próximas à residência.

Já os parques naturais e áreas verdes foram mencionados por 7 estudantes, incluindo referências a parques, trilhas, áreas naturais e ao Jardim Botânico. No caso dos equipamentos culturais formais, a frequência de menções é ainda menor. Apenas 4 discentes citaram bibliotecas, 4 mencionaram cinemas e 3 fizeram referência a teatros.

Com relação ao acesso aos espaços culturais e de lazer, 78 pessoas (49,1%) afirmaram ter acesso fácil a esses espaços, enquanto 69 pessoas (43,4%) relataram ter acesso apenas parcial e 12 pessoas (7,5%) declararam não ter acesso. Isso significa que 81 respondentes (50,9%) não possuem acesso pleno, evidenciando que mais da metade da amostra experimental algum grau de dificuldade para usufruir desses equipamentos culturais, como aponta a Figura 6.

Figura 6 – Percepção de acesso aos espaços culturais e de lazer

159 respostas



Fonte: Os autores (2026).

[Descrição da imagem] Gráfico de setores (pizza) que ilustra a percepção dos participantes sobre o acesso aos espaços culturais e de lazer da cidade. Os dados mostram que 49,1% dos estudantes afirmaram ter acesso fácil, 43,4% relataram ter acesso apenas parcial e 7,5% declararam não ter acesso a esses espaços [Fim da descrição].

Ao analisar a distribuição por região de moradia, as diferenças tornam-se mais evidentes. Entre os 10 moradores da Zona Sul, 7 afirmaram ter acesso fácil e 3 declararam acesso parcial, não havendo respostas indicando ausência de acesso. Esse resultado indica que 70% dos respondentes dessa região percebem facilidade de acesso, o que pode ser associado à maior concentração histórica de equipamentos culturais, museus, centros culturais e espaços de lazer nessa área da cidade.

Já em regiões mais periféricas, os dados indicam um cenário distinto. Na Zona Oeste, onde participaram 33 respondentes, apenas 12 pessoas afirmaram ter acesso fácil, enquanto 15 declararam acesso parcial e 6 afirmaram não ter acesso. Dessa forma, 21 dos 33 respondentes da Zona Oeste (63,6%) relatam acesso incompleto ou inexistente, demonstrando uma percepção mais limitada de acesso a esses espaços.

Situação semelhante aparece entre moradores da Baixada Fluminense, que somam 11 respondentes. Nesse grupo, apenas 2 pessoas afirmaram ter acesso fácil, enquanto 6 relataram acesso parcial e 3 disseram não ter acesso. Assim, 9 dos 11 participantes da Baixada (81,8%) não possuem acesso pleno, indicando uma desigualdade territorial ainda mais acentuada quando comparada às áreas mais centrais da cidade.

A Zona Norte, que concentra a maior parte da amostra (86 respondentes), apresenta um cenário intermediário. Nessa região, 48 pessoas afirmaram ter acesso fácil, 36 relataram acesso parcial e 2 disseram não ter acesso. Apesar de haver um número significativo de respostas positivas, 38 moradores ainda indicam algum tipo de limitação, o que sugere desigualdades internas dentro da própria região.

Além das diferenças territoriais, os dados também revelam relações entre cor/raça e percepção de acesso. Entre os 66 respondentes que se autodeclararam brancos, 39 afirmaram ter acesso fácil, 23 relataram acesso parcial e 4 disseram não ter acesso. Assim, aproximadamente 59% das pessoas brancas da amostra percebem acesso fácil aos espaços culturais.

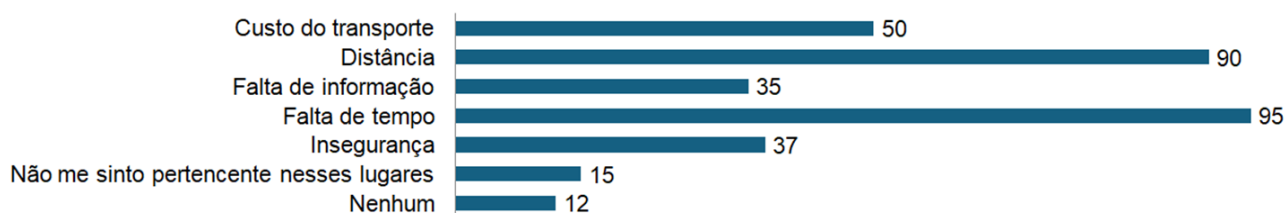
Entre os 75 respondentes que se autodeclararam pardos, apenas 27 afirmaram ter acesso fácil, enquanto 41 relataram acesso parcial e 7 disseram não ter acesso. Nesse grupo, a maioria (54,7%) relata acesso apenas parcial, o que indica maior presença de limitações no acesso aos equipamentos culturais.

Já entre os 17 respondentes que se autodeclararam pretos, 11 afirmaram ter acesso fácil, 5 relataram acesso parcial e 1 disse não ter acesso. Embora haja presença significativa de respostas positivas, também aparecem relatos de acesso incompleto, refletindo as desigualdades sociais e territoriais que marcam a distribuição de infraestrutura cultural na metrópole.

Dessa forma, os resultados sugerem que desigualdades territoriais e raciais se sobrepõem na experiência de acesso à cultura. Enquanto moradores de regiões mais valorizadas, como a Zona Sul, apresentam maior proporção de respostas indicando acesso fácil, moradores de áreas periféricas, como a Zona Oeste e a Baixada Fluminense, concentram maior número de respostas que apontam acesso parcial ou ausência de acesso.

Essas diferenças evidenciam que o potencial educativo da cidade não se distribui de forma homogênea entre os territórios, o que tensiona os princípios da Cidade Educadora, que pressupõem o acesso equitativo aos recursos culturais, educativos e formativos presentes no espaço urbano. Ao investigar os fatores que dificultam o acesso a esses locais, constatou-se a presença de barreiras espaciais, econômicas e simbólicas, como demonstra a Figura 7.

Figura 7 – Principais fatores que dificultam o acesso dos participantes aos espaços culturais e de lazer da cidade



Fonte: Os autores (2026).

[Descrição da imagem] Gráfico de barras que ilustra os principais fatores que dificultam o acesso dos participantes aos espaços culturais e de lazer da cidade. Os dados indicam que a falta de tempo é o fator mais mencionado, seguido por distância, custo do transporte e insegurança. Também foram registradas respostas relacionadas à falta de informação, à percepção de não pertencimento a determinados lugares e um pequeno grupo que declarou não enfrentar dificuldades [Fim da descrição].

Os fatores mais recorrentes entre os estudantes foram falta de tempo, distância, custo do transporte e insegurança. A falta de tempo aparece como a dificuldade mais mencionada, a distância também aparece como um fator relevante, especialmente entre os moradores das áreas mais afastadas do Centro da cidade ou dos principais polos culturais, como a Zona Norte, Zona Oeste, Baixada Fluminense e São Gonçalo, indicando que a localização territorial pode representar um obstáculo importante para o acesso a determinados espaços urbanos.

Outro elemento recorrente é o custo do transporte, frequentemente associado à distância. A insegurança urbana também foi apontada como uma dificuldade significativa, indicando que o medo da violência ou da criminalidade pode influenciar as decisões sobre se deslocar para determinados espaços da cidade. Também foram registradas respostas relacionadas à falta de informação sobre os espaços disponíveis, indicando que parte dos estudantes pode não conhecer plenamente as opções culturais e de lazer existentes na cidade.

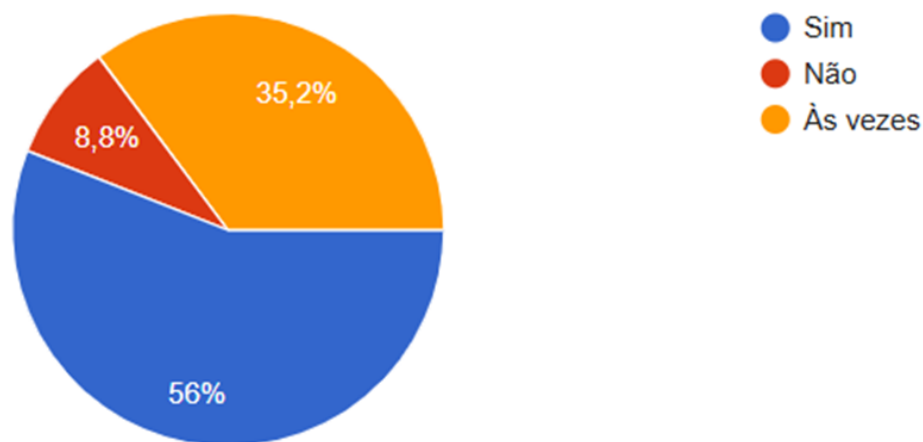
Além dessas barreiras mais objetivas, algumas respostas apontam para fatores de natureza simbólica e social, como a percepção de não pertencimento a determinados lugares. Esse sentimento foi relatado por 15 estudantes oriundos de diferentes regiões, incluindo Zona Norte, Zona Oeste e Zona Sudoeste, e aparece com maior frequência entre os homens: 10 casos correspondem a respondentes do gênero masculino, enquanto 5 do gênero feminino. Em relação à autodeclaração de cor ou raça, 9 desses estudantes se declararam pardos, 4 se declararam brancos e 2 se declararam pretos.

Por outro lado, um número menor de estudantes afirmou não enfrentar dificuldades para acessar esses espaços, 12 indicaram não possuir obstáculos significativos para frequentar os locais mencionados. Nesse grupo, observa-se uma leve predominância de discentes do gênero masculino (7) em relação ao gênero feminino (5). Em relação à autodeclaração de cor ou raça, a maior parte desses alunos se declarou branca (9), enquanto 3 se declararam pretos. No que se refere ao local de moradia, 7 desses estudantes residem na Zona Norte, 3 na Zona Sul, 1 em São Gonçalo e 1 em Niterói. Esses dados indicam que, embora existam casos em que o acesso à cidade não é percebido como problemático, eles correspondem a uma parcela relativamente pequena da amostra.

Com relação à percepção de aprendizagem fora do ambiente escolar, 89 estudantes (56%) afirmaram que aprendem coisas importantes na cidade fora da escola, enquanto 56 (35,2%) indicaram que isso ocorre apenas às vezes e 14 (8,8%) responderam que não percebem esse tipo de aprendizado. Esses resultados indicam que 145 respondentes (91,2%) reconhecem, ao menos em alguma medida, o potencial educativo da cidade (Figura 8).

Figura 8 – Percepção dos participantes sobre aprender coisas importantes na cidade fora da escola

159 respostas



Fonte: Os autores (2026).

[Descrição da imagem] Gráfico de setores (pizza) que ilustra a percepção dos participantes sobre a aprendizagem na cidade fora do ambiente escolar. Os dados mostram que 56% dos estudantes afirmaram que aprendem coisas importantes na cidade, 35,2% indicaram que isso ocorre apenas às vezes e 8,8% responderam que não percebem esse tipo de aprendizado [Fim da descrição].

Para além do reconhecimento do potencial educativo da cidade, investigar como os jovens de fato se relacionam com o espaço urbano permite compreender as nuances dessa aprendizagem. Os dados mostram diferentes formas de relação dos estudantes com o espaço urbano, evidenciando tanto vínculos afetivos com determinados lugares quanto limitações na circulação pela cidade. De modo geral, observa-se que muitos jovens associam os lugares mais importantes de sua experiência urbana a espaços do cotidiano imediato, especialmente a própria casa, a escola e os espaços próximos ao bairro de residência.

Entre as respostas mais recorrentes, destaca-se a menção a casa como um dos principais lugares da cidade. Um número significativo de estudantes indicou exclusivamente “minha casa” como o espaço mais importante, enquanto outros a mencionaram juntamente com locais como escola, igreja, shopping centers ou praias. A escola também aparece com frequência entre os lugares mais importantes mencionados pelos participantes. Em diversas respostas, a instituição foi citada como um espaço central da vida cotidiana, associada tanto ao estudo quanto às relações sociais estabelecidas no ambiente escolar. Em alguns casos, os discentes também mencionaram cursinhos preparatórios, bibliotecas e espaços de estudo.

Outro conjunto significativo de respostas refere-se a espaços de lazer e convivência urbana, como praias, praças, parques naturais e shopping centers. As praias, em especial, aparecem como um dos principais marcos simbólicos da cidade do Rio de

Janeiro na percepção dos estudantes, sendo citadas por diversos participantes como lugares importantes de lazer e sociabilidade. Da mesma forma, shopping centers e cinemas são frequentemente mencionados como pontos de encontro e convivência entre jovens, funcionando como espaços de sociabilidade juvenil na cidade.

Também aparecem referências a equipamentos culturais e patrimoniais, como museus, teatros, centros culturais e bibliotecas, além de locais emblemáticos da cidade, como o Cristo Redentor, o Maracanã, o Theatro Municipal, o CCBB e o Museu do Amanhã. Embora essas menções sejam menos frequentes, elas indicam que parte dos respondentes reconhece esses equipamentos como referências culturais importantes no espaço urbano.

Além disso, algumas respostas destacam a importância de lugares associados ao território do bairro, como praças locais, quadras esportivas, mercados, igrejas e estações de transporte, revelando que a experiência urbana de muitos jovens está fortemente vinculada ao entorno imediato de suas residências. Em alguns casos, os estudantes mencionam bairros específicos, como Méier, Tijuca, Vila Isabel, Realengo, Bangu e Madureira, indicando que esses territórios constituem referências importantes de identidade e pertencimento.

Nesse contexto, os discentes também mencionaram quais lugares ou situações mais ensinaram algo importante, considerando os museus, centros culturais, teatros e exposições. Instituições como o CCBB, o Museu Nacional, o Museu de Arte do Rio (MAR) e outros equipamentos culturais são abordadas como locais onde os estudantes tiveram contato com conhecimentos históricos, científicos e artísticos. Em muitos casos, essas experiências ocorreram por meio de visitas escolares ou projetos educacionais, evidenciando a importância das atividades pedagógicas fora da sala de aula para ampliar o repertório cultural dos jovens.

Além dos espaços institucionais, muitos estudantes relatam aprendizagens provenientes de situações cotidianas na cidade, especialmente nas ruas, nos transportes públicos e em trajetos diários. Experiências como andar sozinho pela cidade, utilizar ônibus ou metrô, observar a dinâmica urbana ou lidar com situações inesperadas foram mencionadas como momentos importantes de aprendizado. Essas vivências aparecem frequentemente associadas ao desenvolvimento de habilidades práticas, como atenção, autonomia, organização do tempo e capacidade de lidar com diferentes situações sociais.

Algumas respostas também revelam aprendizagens relacionadas à segurança e aos riscos urbanos. Situações como presenciar furtos, sofrer assaltos ou observar episódios de violência foram citadas como experiências marcantes que levaram os estudantes a desenvolver estratégias de cuidado e atenção no espaço urbano. Esses relatos evidenciam como a experiência da cidade também envolve processos de aprendizagem relacionados à percepção de riscos e à adaptação às condições de segurança do ambiente urbano.

Outro aspecto presente nas respostas diz respeito ao contato com diferentes realidades sociais, nas quais alguns participantes mencionam que a convivência com pessoas de origens diversas, a observação das desigualdades sociais ou o contato com territórios distintos da cidade contribuíram para ampliar sua compreensão sobre a sociedade. Em certos relatos, aparecem reflexões sobre desigualdade social, pobreza e trabalho infantil, indicando que a experiência urbana pode estimular processos de reflexão crítica sobre a realidade social.

De modo geral, os resultados sugerem que os estudantes constroem seus processos de aprendizagem por meio de uma articulação entre diferentes espaços da cidade, incluindo a casa, a escola, os equipamentos culturais e os espaços públicos. Essa diversidade de experiências evidencia que a cidade funciona como um importante território educativo, no qual os jovens desenvolvem conhecimentos, valores e percepções sobre a realidade social a partir de suas vivências cotidianas. Assim, as experiências relatadas pelos participantes aproximam-se da concepção de Cidade Educadora ao indicar que processos formativos também emergem das interações cotidianas com o território urbano, para além das instituições formais de ensino.

A maioria dos estudantes considera que viver na Região Metropolitana do Rio de Janeiro contribui para o desenvolvimento de aprendizagens relevantes para a vida cotidiana. As justificativas apresentadas revelam diferentes dimensões desse aprendizado, que envolvem aspectos sociais, culturais, econômicos e também experiências relacionadas aos desafios da vida urbana.

Um dos aspectos mais mencionados pelos alunos é a diversidade social e cultural presente na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Muitos participantes afirmam que viver em uma grande cidade permite conviver com pessoas de origens, culturas e realidades distintas, o que favorece o desenvolvimento de habilidades de convivência, tolerância e compreensão das diferenças sociais. Nesse sentido, a experiência urbana aparece como uma oportunidade de contato com múltiplas perspectivas de vida, ampliando a visão de mundo dos jovens.

Outro ponto recorrente nas respostas diz respeito ao acesso a oportunidades educacionais e culturais. Diversos estudantes mencionam que a região metropolitana concentra instituições de ensino, museus, bibliotecas, centros culturais e espaços históricos, o que amplia as possibilidades de aprendizagem para além do ambiente escolar. Para eles, viver em uma cidade com grande oferta de equipamentos culturais e educacionais facilita o acesso a experiências formativas diversificadas.

Além disso, muitos respondentes destacam que a vivência em uma metrópole contribui para o desenvolvimento de habilidades práticas necessárias à vida adulta, como autonomia, responsabilidade e capacidade de lidar com situações cotidianas. O uso de transportes públicos, a circulação pela cidade e o contato com diferentes contextos sociais são apontados como experiências que ajudam os jovens a desenvolver competências importantes para o cotidiano.

Entretanto, uma parte significativa das respostas também associa o aprendizado na cidade a experiências relacionadas aos desafios e riscos da vida urbana, especialmente no que se refere à insegurança e à violência. Alguns estudantes afirmam que viver na região metropolitana os ensina a estarem mais atentos, a tomar cuidado com seus pertences e a desenvolver estratégias de autoproteção. Embora essas experiências sejam mencionadas como formas de aprendizado, elas também revelam percepções críticas sobre as condições de segurança presentes na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Outro tema presente nas respostas é a percepção das desigualdades sociais, em que alguns estudantes afirmam que observar os contrastes entre diferentes bairros, condições de vida e oportunidades contribuem para uma compreensão mais ampla da realidade social. Esse contato com diferentes realidades é percebido como um fator importante para o desenvolvimento de consciência social e reflexão crítica.

Apesar da predominância de respostas positivas, também aparecem posições mais ambivalentes ou críticas. Alguns participantes afirmam que o aprendizado depende das condições de acesso aos espaços culturais e educacionais, indicando que nem todos os jovens conseguem aproveitar igualmente as oportunidades oferecidas pela cidade. Outros mencionam que os riscos e dificuldades da vida urbana podem, em alguns casos, produzir aprendizagens associadas a situações negativas, como violência ou insegurança.

De maneira geral, os resultados sugerem que os estudantes percebem a Região Metropolitana do Rio de Janeiro como um ambiente complexo de formação, no qual convivem oportunidades de acesso à cultura, à educação e à diversidade social, juntamente com desafios relacionados à desigualdade, mobilidade urbana e segurança. Assim, a cidade aparece nas respostas como um espaço que, ao mesmo tempo, oferece oportunidades de aprendizagem e impõe desafios que também contribuem para a formação dos jovens, evidenciando o papel do contexto urbano na construção das experiências educativas e sociais dos discentes.

Considerações Finais

A cidade exerce um papel significativo como território educativo na experiência das juventudes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A maioria dos estudantes reconhece que aprende coisas importantes fora do ambiente escolar, especialmente por meio de experiências cotidianas de circulação urbana, convivência social e contato com diferentes realidades culturais e territoriais. Esses dados reforçam a perspectiva de que os processos educativos não se restringem às instituições formais de ensino, mas se desenvolvem também nos espaços públicos, nas práticas culturais e nas interações

sociais presentes no cotidiano urbano.

Ao mesmo tempo, a pesquisa evidencia que o acesso a esses espaços e experiências educativas não ocorre de maneira igualitária. Fatores como distância, custo do transporte, insegurança, falta de tempo e desigualdades territoriais limitam a circulação de parte dos jovens pela cidade, especialmente daqueles residentes em áreas periféricas da Região Metropolitana. As diferenças observadas entre regiões de moradia e grupos raciais indicam que o potencial educativo da cidade se distribui de forma desigual, refletindo as assimetrias socioespaciais que marcam o contexto urbano.

Nesse sentido, embora a cidade apresente um forte potencial formativo, sua condição como Cidade Educadora depende da ampliação das condições de acesso aos equipamentos culturais, espaços públicos e oportunidades educativas existentes no território urbano. A efetivação desse princípio exige políticas públicas que promovam mobilidade urbana, democratização do acesso à cultura e valorização dos espaços públicos como ambientes de aprendizagem e convivência.

Além disso, os resultados do estudo mostram como é importante que a escola adote práticas pedagógicas que valorizem o território urbano como um espaço de aprendizagem dentro da Educação Básica. Quando a cidade é utilizada como recurso educativo, por meio de atividades de campo, visitas a museus e centros culturais, projetos interdisciplinares ou outras experiências fora da sala de aula, os estudantes têm a chance de ampliar seu repertório cultural e aprender de maneira mais conectada com a realidade. Dessa forma, ao reconhecer que o território vivido pelos jovens faz parte do processo educativo, a escola também contribui para que eles desenvolvam uma leitura mais crítica da cidade.

Referências

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 15 mar. 2026.

CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS. 2004. Gênova. Disponível em:
<http://w10.bcn.es/APPS/eduportal/pubFitxerAc.do?iddoc=84472>. Acesso em: 14 mar. 2026.

DE ALVARENGA, Adriana Claudia Junqueira Ribeiro; KUESTRA, Rodrigo; QUARESMA, Cristiano Capellani. **Cidades educadoras**: uma revisão sistemática de literatura. *Dialogia*, [S. l.], n. 45, p. e24668, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/24668>. Acesso em: 15 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIEIRA, Elisa e AQUINO, Julio Groppa. Sobre a pedagogização da experiência urbana: o projeto da cidade educadora. **Educação**. UNISINOS [online]. 2015, vol.19, n.3, pp.313-324. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2177-62102015000300313&script=sci_abstract. Acesso em: 15 mar. 2026.

ZITKOSKI, Jaime José. Educação e emancipação social: um olhar a partir da cidade educadora. In REP - **Revista Espaço Pedagógico**, v. 13, n. 1, Passo Fundo, p. 9-18, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7945/4665>. Acesso em: 15 mar. 2026.

Notas de autoria

Tamiris Batista Diniz é Doutora em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é professora substituta de Geografia na Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC).

Contato: tamirisbdiniz@hotmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4028885745949067>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4701-201X>

Guilherme Preto Guimarães é Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é professor Adjunto de Licenciatura em Geografia com ênfase em Meio Ambiente, da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ.

E-mail: preato.profgeo.uerj@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8168829486949660>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7054-5362>

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

DINIZ, Tamiris Batista; GUIMARÃES, Guilherme Preato. “Juventudes, desigualdades e experiências urbanas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro”. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 17, n. 1 p. 97-116, 2026.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista Sobre Tudo. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 16/03/2026

Aprovado em: 25/05/2026

Publicado em: 10/06/2026